

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho: GT36 Sociologia Clínica

Título: Trabalho e Servidão Voluntária

Autores Sérgio Henrique Barroca Costa e Saulo de Castro Ferreira Neto

Instituição: UFG – Universidade Federal de Goiás

1. Introdução

O trabalho é condição necessária à humanização do ser humano (Marx, 2004). No atual contexto sócio-político-econômico, entretanto, o trabalho “perde a função de produtor e produto da cidadania, reduz-se a um fardo pesado” (Ferreira, 2009, p. 34). Ao invés de conduzir à humanização, leva, paradoxalmente, ao seu oposto: à desumanização, à coisificação.

O ser humano é naturalmente inclinado à liberdade (Clastres, 2004; Newman, 2011), Santiago (2013, p. 7), porém, revela que:

Por toda parte muitos vivem sob o domínio de um que se destaca de seus pares, ergue-se acima da sociedade e a sujeita, comandando-a. Os submetidos não só acatam a servidão como são ainda aqueles que fornecem ao dominador os meios necessários a seu fortalecimento, a sua manutenção. Conclusão: desejam servir, voluntariamente.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar os motivos pelos quais trabalhadores se sujeitam à servidão voluntária. Em outras palavras, buscamos compreender como é possível que seres humanos, naturalmente livres, passem a desejar voluntariamente a servidão.

Por isso, partimos do seguinte questionamento: por que a situação de sofrimento e exploração, ao invés de resultar em uma atitude de busca pela libertação, leva a uma silenciosa resignação?

Buscamos compreender as causas da servidão voluntária a partir de quatro eixos explicativos: costume, medo da liberdade, resignação em troca de uma recompensa ulterior e sofrimento no trabalho. Apresentaremos, concomitantemente, formas de superar a servidão voluntária.

Finalizaremos o estudo com a abertura de um espaço de discussão, através de histórias de vida, com o intuito de melhor compreender as causas da servidão voluntária.

2. Fundamentos Teóricos

O conceito de servidão voluntária, tema central deste artigo, foi criado por Étienne de La Boétie, entre 1552 e 1553. O autor se espantava com a constatação de que “são [...] os povos que se deixam oprimir, que tudo fazem para serem esmagados, pois deixariam de ser no dia em que deixassem de servir” (La Boétie, 2004, p. 6).

A dominação, portanto, não é apenas aceita, mas também desejada.

Buscaremos, a seguir, desvendar o enigma da servidão voluntária, debruçando-nos sobre suas causas e, ao final de cada seção, discutiremos possibilidades para sua superação.

2.1. Costume

O costume é, ao mesmo tempo, causa e motivo de perpetuação da servidão voluntária.

Afirma La Boétie (2004, p. 16): “[...] a primeira razão da servidão voluntária é o hábito”. O que leva primeiro o ser humano à aceitação da condição de servo é o fato de “terem nascido e sido criados na servidão” (La Boétie, 2004, p. 17).

Uma vez que só nos empenhamos em mudar aquilo que julgamos ser passível de transformação (Chauí, 2013), a aceitação passiva é um fenômeno observável a partir da construção de um discurso que coloca as organizações como “necessárias, naturais, racionais e auto-evidentes” (Paes de Paula, 2008, p. 39). Portanto, rebelar-se contra algo eterno, imutável seria irracional. Chauí (2013) destaca que os dominados se submetem à servidão, pois se sentem impotentes ante a força dos dominadores. Por isso, o discurso que mitifica as estruturas, o poder e as organizações está intrinsecamente vinculado ao desejo de manutenção do *status quo*. Destarte, atende aos interesses da classe dominante, detentora do poder material e espiritual (Marx & Engels, 2007).

Essa estratégia tende a ser bem sucedida, uma vez que, quando o discurso dominante é tido como fato, torna-se mais difícil a concepção e aplicação de alternativas emancipatórias (Hardy & Clegg, 2001 apud Maranhão & Paula, 2009).

Destacamos, ainda nesta seção, a análise da questão de classe. A necessidade de garantir a sobrevivência material pode ser apontada como causa primordial de comportamentos servis, principalmente entre as classes que compõem a base da pirâmide social.

Buscando a superação da servidão voluntária, La Boétie (2004) afirma que basta desejar a liberdade para ser livre. Segundo Chauí (2013, p. 52) “o desejo de liberdade é apenas o desejo de não servir”.

Tratando sobre o tirano, afirma La Boétie (2004, p. 6)

Ele será destruído no dia em que o país se recuse a servi-lo. Não é necessário tirar-lhe nada, basta que ninguém lhe dê coisa alguma. Não é preciso que o país faça coisa alguma em favor de si próprio, basta que não faça nada contra si próprio. São, pois, os povos que se deixam oprimir, que

tudo fazem para serem esmagados, pois deixariam de ser no dia em que deixassem de servir. É o povo que se escraviza, que se decapita, que, podendo escolher entre ser livre e ser escravo, se decide pela falta de liberdade e prefere o jugo, é ele que aceita o seu mal, que o procura por todos os meios. Se fosse difícil recuperar a liberdade perdida, eu não insistiria mais; haverá coisa que o homem deva desejar com mais ardor do que o retorno à sua condição natural, deixar, digamos, a condição de alimária e voltar a ser homem? Mas não é essa ousadia o que eu exijo dele; limito-me a não lhe permitir ele prefira não sei que segurança a uma vida livre. Que mais é preciso para possuir a liberdade do que simplesmente desejá-la? Se basta um ato de vontade, se basta desejá-la, que nação há que a considere assim tão difícil? Como pode alguém, por falta de querer, perder um bem que deveria ser resgatado a preço de sangue? Um bem que uma vez perdido, torna, para as pessoas honradas, a vida aborrecida e a morte salutar?

2.2. Medo da liberdade

A liberdade possui caráter ambíguo. Embora fonte de autonomia, traz consigo solidão e angústia.

Desde o seu nascimento, todo indivíduo tem de lidar com o caráter ambíguo da liberdade. Após a ruptura definitiva do cordão umbilical, o recém-nascido inicia o processo de percepção de si como indivíduo. Durante o processo de individuação, surge a consciência de uma solidão crescente, o que “cria uma sensação de impotência e angústia” (Fromm, 1977, p. 33). Em resposta a esses sentimentos,

Surgem impulsos para se renunciar à própria individualidade, para superar o sentimento de isolamento e impotência [...] As tentativas para assim proceder assumem forçosamente o caráter de submissão [...] a criança [...] compreende que o preço que está pagando é a renúncia à sua força e à integridade do seu eu. Assim, [...] a submissão agrava a insegurança da criança e, ao mesmo tempo, cria hostilidade e rebeldia (Fromm, 1977, pp. 33-34).

Bauman (2001) enxerga liberdade e segurança como um dilema. A imagem de um pêndulo, oscilando entre dois pólos, explica perfeitamente. Somos livres, mas inseguros. Ou obtemos mais segurança, em detrimento de nossa liberdade.

Dado o seu caráter ambíguo, a liberdade pode tornar-se um fardo. Surge, então, o medo da liberdade, como consequência da incapacidade de lidar com os seus ônus. A fuga da liberdade ocorre, portanto, em direção a uma sensação de segurança (Fromm, 1977). Caso a segurança seja alcançada através da submissão aos desejos de outrem, tem origem a servidão voluntária.

Fromm ressalta a importância de superação do medo da liberdade. Isso só será possível através do desenvolvimento de uma liberdade positiva, capaz de suplantar “o estado insuportável de impotência e solidão” (Fromm, 1977, p. 117)

decorrente do rompimento dos vínculos primários. A liberdade positiva consiste na capacidade de

[...] relacionar-se espontaneamente com o mundo pelo amor e pelo trabalho, na expressão legítima de suas capacidades emocionais, sensoriais e intelectuais; pode, assim, unir-se uma vez mais ao homem, à Natureza e a si mesmo, sem renunciar à independência e à integridade de seu ego individual (Fromm, 1977, p. 117).

A partir disso, “[...] temos de obter um novo tipo de liberdade, aquela que nos habilita a realizar nosso próprio eu individual, a ter fé neste eu e na vida” (Fromm, 1977, p. 92).

2.3. Resignação em troca de uma recompensa ulterior

Chauí (2013, p. 197) define servidão voluntária como “o desejo de servir os superiores para ser servido pelos inferiores. É uma teia de relações de força, que percorrem verticalmente a sociedade sob a forma do mando e da obediência”.

Afirma ainda Chauí (2013, p. 14): “vontade de servir é o nome da vontade de dominar”. Os seres humanos “servem a tirania porque também desejam tiranizar” (Chauí, 2013, p. 106). Ocorre a decisão de “arcar com os custos da dominação, tendo em vista a chance de ser bem sucedido” (Hardy & Clegg, 2001 apud Maranhão & Paula, 2009, p. 465).

O indivíduo se resigna ante a servidão, em troca de uma recompensa ulterior.

Seguindo o mesmo raciocínio, Clastres (2004, p.114) afirma não haver “desejo realizável de mandar sem desejo correlativo de obedecer”.

Por isso, Newman (2011, pp. 24-25) destaca o

[...] vínculo subjetivo que nos amarra ao poder, que nos domina, encanta e seduz, cega e hipnotiza. A lição fundamental é que o poder não depende da coerção, mas, na realidade, se apóia no nosso poder. É o nosso consentimento ativo ao poder que constitui, ao mesmo tempo, esse poder. [...] Por isso, a servidão é uma condição produzida por nós — ela é inteiramente voluntária; [...] A liberdade é algo que deve ser protegido não tanto daqueles que impõem suas vontades sobre nós, mas da nossa própria tentação de renunciar a ela, de sermos deslumbrados pela autoridade, de trocarmos nossa liberdade por riquezas, cargos, favores, e assim por diante. Por isso, o que deve ser explicado é a ligação patológica ao poder que afasta o desejo natural pela liberdade e os enlaces livres que existem entre as pessoas.

Segundo Newman (2011), dada a voluntariedade da servidão, basta a existência do desejo de não mais ser subjugado, isto é, a vontade de ser livre, para a libertação da condição de servidão.

Por isso, é central no pensamento de Newman (2011) a transformação do sujeito, conquistada através da auto-emancipação e da autonomia. Essa mudança só será possível com o estímulo à sociabilidade inata ao ser humano, “tendência natural [...] em direção à ajuda mútua e à cooperação” (Newman, 2011, p. 32), responsável “[...] pelo desenvolvimento de práticas alternativas e relações baseadas na associação livre, liberdade equitativa e cooperação voluntária” (Newman, 2011, p. 30).

Nesse sentido, “o indivíduo apenas pode se libertar da servidão voluntária se ele abandonar todas as identidades essenciais e se enxergar como um vazio radicalmente auto-criador” (Newman, 2011, p. 38).

2.4. Sofrimento no trabalho

Ferreira (2009, p. 41) caracteriza o sofrimento no trabalho

[...] como vivência individual e/ou compartilhada, muitas vezes inconsciente, de experiências dolorosas como angústia, medo e insegurança, provenientes dos conflitos entre as necessidades de gratificação das pessoas e as restrições impostas pelo ambiente. Manifesta-se na impossibilidade de sentir prazer e/ou utilizar a mobilização coletiva para enfrentar e modificar as restrições da organização do trabalho. Resta o uso de defesas que servem de proteção e, ao mesmo tempo e paradoxalmente, podem levar à alienação.

A servidão no trabalho surge como defesa face ao sofrimento infligido aos trabalhadores. Mendes (2009, pp. 12-13) explica melhor como a servidão voluntária pode funcionar como fuga aos efeitos negativos do sofrimento no trabalho e explica as funestas conseqüências dessa solução:

A servidão voluntária é percebida como um mal necessário. O trabalhador, para se adaptar e sentir-se incluído no trabalho, é induzido a desenvolver comportamento de servidão. [...] A adaptação é importante para a saúde mental, mas quando os limites de tal comportamento influenciam a livre capacidade do sujeito de pensar, sentir e agir, pode tornar-se patológica. Isso ocorre quando a servidão ocasiona a paralisia do pensamento, a escravização a uma idéia, o congelamento do afeto, a não-ação. A indignação perde lugar para a passividade, banalização, indiferença. Ocorre a morte de si mesmo, do sujeito, em nome de uma obediência sem limites. [...] É um modo de o trabalhador sujeitar-se ao desejo do outro e não se implicar na construção dos seus destinos. [...] é um comportamento estimulado e valorizado na sociedade que serve aos interesses do consumo.

A servidão voluntária no trabalho funciona como um mecanismo de defesa patológico em relação ao sofrimento infligido. Por isso, o sofrimento é apontado como uma das causas da servidão voluntária.

A eliminação da servidão voluntária, no trabalho, só é possível através da operação de estratégias de mobilização subjetiva, que possibilitem a transformação das situações geradoras de sofrimento, potencializando uma reinvenção do trabalho. É necessário, portanto, que se construa, através da cooperação e do diálogo, “modos particulares de realizar o trabalho” (Ferreira, 2009, p. 46).

É importante, finalmente, rechaçar qualquer possibilidade de falsa dicotomização entre uma ação política coletiva emancipatória e uma microemancipação, restrita ao plano individual.

A necessidade de uma transformação interna, emancipação e empoderamento individuais é ponto-comum às obras dos autores apresentados neste estudo. Contudo, essa mudança não se restringe ao plano individual, devendo desembocar em ações políticas coletivas. Emancipação individual e ação política coletiva devem construir-se dialeticamente, contribuindo uma à boa execução da outra.

3. Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa possui caráter qualitativo. A partir do objetivo de realizar um encontro entre sujeitos, visando à humanização de ambos, adotamos a história de vida como método de coleta de dados.

Nesse modelo, o pesquisador realiza “uma escuta comprometida, engajada e participativa” (Nogueira, 2004 apud Barros, Barros, Nogueira, & Silva, 2007, p. 31) de um sujeito que, ao contar sua história, a re-experimenta, re-significando sua vida, atribuindo sentido à sua existência (Barros, Barros, Nogueira, & Silva, 2007).

Foram entrevistadas duas trabalhadoras: Iara, médica-residente e Ana, corretora de imóveis. A escolha do segmento de trabalho baseia-se na prioridade de áreas sujeitas a um alto sofrimento psíquico, possível motor de comportamentos servis. Os nomes são fictícios.

Ambas as entrevistas tiveram a duração aproximada de uma hora, em local tranquilo e silencioso. Estavam presentes apenas o pesquisador e a entrevistada.

A história de vida consiste no relato de vida do sujeito, através de entrevista não-estruturada. Não se prende, portanto, a estruturas rígidas, seguindo o fluxo da narrativa do entrevistado. Cipriani (1988 apud Paulilo, 1999, p. 142) aponta o “livre fluir do discurso” como condição necessária para que as vivências pessoais emirjam como reveladores do meio social.

Contudo, podemos definir as entrevistas realizadas nesta pesquisa como semi-estruturadas, pois além da história de vida foram respondidas dez questões pré-definidas pelo pesquisador. As questões levantam informações importantes para verificar a ocorrência ou não das quatro possíveis causas da servidão voluntária.

Buscamos revelar o contexto no qual as trabalhadoras estão inseridas, desvelando suas motivações, frustrações, angústias e possíveis apontamentos que indiquem as razões de um desejo pela servidão.

As entrevistas foram parcialmente transcritas. Utilizou-se o método de análise da enunciação ou do discurso.

Não temos a pretensão de generalização de resultados, na presente pesquisa.

[...] os resultados não podem ser generalizados em termos de descrições do que as pessoas fazem; são, no entanto, generalizáveis em termos de descrições do que as pessoas podem fazer. É, portanto, neste sentido, o da possibilidade da ocorrência, que resultados qualitativos podem ter a questão da generalização empregada como forma de validação (Paulilo, 1999, p. 140).

4. Resultados e Discussão

Discutiremos, neste momento, interpretações e possíveis análises, a partir das entrevistas. Para isso, dividiremos esta seção em duas partes.

Na primeira, faremos inicialmente uma sucinta caracterização da pessoa entrevistada. Em seguida, serão analisados alguns temas, emergidos ao longo da narrativa, que possuem vinculação com a servidão voluntária no trabalho.

Na segunda parte, resgataremos os quatro eixos temáticos apresentados no Referencial Teórico como propostas explicativas da servidão voluntária no trabalho. O objetivo é atestar ou negar a ocorrência desses fatores como causa da servidão voluntária, na trajetória de vida das trabalhadoras entrevistadas.

4.1. Iara

Iara, 28 anos, médica-residente, solteira. Mora com a mãe apenas. Pai faleceu quando tinha 11 anos. Carga horária de trabalho é acima de 60 horas semanais, como residente na pediatria de um grande hospital de Goiânia. Além do trabalho como residente, realiza plantões em outros hospitais, para completar a renda.

4.1.1. A escolha da Medicina e a valorização da estabilidade financeira

lara, logo no início da entrevista, escolhe falar sobre as razões que a levaram a optar pela carreira médica. Fica evidente a forte influência da tia/madrinha, e demais parentes, que trabalhavam na área da saúde e sempre exaltavam o curso de Medicina. lara sente que “sempre quis a área da saúde”.

Aos onze anos de idade, lara perde o pai em um acidente de automóvel. A família, então, passa de uma situação financeira confortável para um período turbulento em que “a nossa situação financeira piorou muito, muito mesmo”.

Os pais de lara eram donos de uma agência de turismo. Com o falecimento do pai, o negócio fracassa. A mãe “não tinha uma profissão estável, ela era autônoma”. Durante esse período, lara e a mãe passam a contar com a ajuda financeira da família.

“Nisso foi crescendo dentro de mim que eu não tinha outra opção a não ser ter uma carreira estável. Não tinha outra opção. Eu não podia me dar ao luxo de arriscar, sabe? E eu também já não via mais outra carreira mesmo. Eu só me via como médica. E eu comecei a pensar nisso, que eu precisava continuar estudando, que eu não podia... que tudo na nossa vida deveria ser investido em mim. Minha mãe sempre me falou isso: o estudo era a única coisa que ela poderia me dar”.

lara revela, nesse momento, uma preocupação que aparece repetidas vezes ao longo da sua narrativa: a necessidade de ter uma carreira estável que lhe proporcione uma segurança financeira.

Ao finalizar a reflexão acerca das razões pelas quais optou pela Medicina, afirma: “Acho que uma das motivações foi financeira, com certeza. Mas não em termos de ganhar muito dinheiro, porque essa pretensão nunca tive e nem tenho hoje em dia. Mas mais no sentido de que eu precisava, e sempre quis e sempre foi do meu perfil, ter uma estabilidade. [...] Eu preciso ter uma garantia de que eu vou terminar o fim do mês, vou ter aquilo, de que eu não vou ter tanta precisão igual meus pais passaram, meus avós passaram. Mais nesse sentido de estabilidade financeira. E eu acho que a medicina ainda é uma das profissões mais estáveis. Assim, em termos de carreira: você já termina a faculdade com uma carreira, você não tem que provar pra ninguém, você não tem que disputar com ninguém, você tem um campo de trabalho muito grande; você tem chance de se especializar, ser único no que você faz. E ter uma estabilidade maior, uma segurança maior”.

A crise financeira familiar vivida após a morte do pai foi, para a entrevistada, uma consequência da ausência de segurança financeira, reflexo do estilo de vida

dos pais que “não tinham profissões tradicionais”. Podemos inferir que esse evento despertou uma forte necessidade interna de garantia de uma estabilidade financeira. Colaboram para a formação dessa visão a influência da tia/madrinha, demais tios, primos e avós. Escolher uma carreira estável, portanto, lhe garantiria o não enfrentamento de crise financeira semelhante à que passou durante a pré-adolescência/adolescência, bem como a certeza da mesma sorte para a mãe, além do atendimento das expectativas dos familiares.

4.1.2. Medicina: o inexorável destino

Concomitante à alta valorização da estabilidade financeira, observamos forte caráter fatalista no discurso de Iara, isto é, a medicina era seu inexorável destino. Olhando para seu passado e para sua condição atual, a constatação da entrevistada é a de que não existem opções além da carreira como médica.

Tratando sobre a escolha pela pediatria, afirma: “Hoje em dia, não me vejo fazendo outra coisa. Não acho que eu tenha dom pra fazer outra coisa”.

O fatalismo aparece como justificava para a carga horária extensa. A fala ocorre logo após revelar que, após a residência em pediatria, Iara pretende ingressar na especialização em neuropsiquiatria: “[...] como a carga horária é mais reduzida, mais bem remunerada, entraria no meu plano de ter uma vida mais tranqüila e fazer o que eu gosto, sem essa carga horária extenuante. Porque não é só isso que eu faço da minha vida. Não é só isso que eu quero fazer da minha vida. E, por enquanto, é praticamente só isso que faço da minha vida, porque eu não tenho outras opções, nesse momento. Porque eu tenho que cumprir, no mínimo, na residência, 60 horas semanais, e a gente cumpre mais. E tem que trabalhar, porque a bolsa é muito pequena. A gente trabalha mais em outros hospitais pra completar, completar não, fazer minha despesa. Por que só a bolsa não faz a despesa. Aí aumenta muito mais a nossa carga horária”.

Iara estudou, no Ensino Médio, em um colégio notório por incentivar os alunos a optarem pela carreira médica. Ao falar sobre a influência do colégio em sua decisão, revela, mais uma vez, o fatalismo da sua escolha: “Inserida num colégio que incentiva muito, muito mesmo, o estudo e a área da saúde, aí não teve outra chance de eu não fazer medicina. Eu já gostava e estando ali era uma certeza de que era aquilo. Nunca aconteceria de eu pensar em outra coisa”.

Essa fatalismo pode ser explicado pela realização e satisfação que o ofício de médica lhe proporciona de poder ajudar as pessoas e fazer bem ao próximo. O prazer advindo do exercício da profissão, contudo, acaba funcionando como um vínculo psíquico, aparentemente, inquebrantável: “Mesmo quando a rotina tá estressante, que eu paro e penso ‘por que eu escolhi isso?’. E eu penso ‘mas o que eu escolheria?’ Não penso em nada mais que iria me satisfazer. [...] Quando me comparo com amigos que fizeram outros cursos, vejo que têm uma realização profissional antes, têm mais mobilidade. Isso acho um ponto negativo da minha profissão. Depois que você escolheu aquilo, até você chegar aonde você quer, você não tem muitas opções. Você tem que se dedicar por seis anos, você tem um curso de período integral, que te exige muito quando você é muito jovem. Depois disso, você escolhe: ser só médica ou fazer uma especialidade, que te exige o dobro. Depois que você terminar essa especialidade, você tem a opção de fazer uma outra especialidade, que te exige o triplo. Então, você acaba ficando prisioneira da sua carreira. Você acaba tendo que girar todo o resto dentro daquilo. Por que você olha e fala: ‘como vou jogar pra trás tudo isso que conquistei?’”.

Mendes (2009) aponta a escravização a uma ideia como consequência de uma adaptação patológica, característica típica da servidão voluntária.

Teria Lara escolhido voluntariamente o caminho da servidão?

Segundo ela, a exigência elevada é intrínseca ao curso de Medicina. Os pretensos médicos, portanto, estão cientes da cobrança inerente à carreira. Essa pré-consciência atesta a voluntariedade da sua condição?

4.1.3. A Recompensa Ulterior

Lara não desconhece sua condição atual de restrição de liberdades: “Hoje, não me considero uma pessoa livre. Hoje. Porque a rotina que eu tenho não é a rotina que eu almejo pra mim, hoje.”

A liberdade é uma promessa futura, uma recompensa ulterior pelo sofrimento vivido no presente: “Mas eu me considero uma pessoa que serei livre brevemente. Estou no caminho para conseguir minha liberdade. Inclusive, tudo que eu faço é pensando nisso. Mas hoje eu não me considero livre”.

A resignação de Lara é explicada, portanto, pela noção de que todo sofrimento será recompensado por benefícios futuros. Está presente a noção de que a carga horária extenuante, as injustiças sofridas, a cobrança precoce, a falta de

reconhecimento, o apoio insuficiente, a convivência com erros recorrentes são efeitos colaterais inevitáveis de um processo doloroso que culminará no alcance de uma situação confortável; no caso de Lara, a abertura de uma clínica multidisciplinar, em que possa dedicar-se ao atendimento em consultório. Temos, então, a comprovação da ideia apresentada por Hardy e Clegg (2001 apud Maranhão & Paula, 2009, p. 465) acerca da “decisão de arcar com os custos da dominação, tendo em vista a chance de ser bem sucedido”.

4.2. Ana

Ana, corretora de imóveis (especialista em lançamento de imóveis de alto padrão), 50 anos, mora com marido e dois filhos. Trabalha, praticamente, todos os dias da semana. Possui extensa formação: graduação em Administração, especialização em Marketing, pós-graduação em Transdisciplinaridade e em Conciliação e Mediação de Conflitos, além de cursos na área de Filosofia.

4.2.1. A verdadeira vocação

Ana prefere iniciar sua narrativa a partir de 2005. Dois anos antes, o marido passara por grave problema de saúde. Durante esse intervalo, a entrevistada dedicou-se integralmente aos cuidados do marido e dos filhos. Com a recuperação do marido, Ana tem de recomeçar sua vida, motivo alegado para iniciar o relato de sua trajetória de vida a partir desse momento.

Ela, então, retoma os estudos com as duas pós-graduações citadas anteriormente e diversos cursos na área de Filosofia, com enfoque em ética, valores humanos e cultura de paz – temas semelhantes aos lecionados pela irmã mais velha, descrita por Ana como sua inspiração.

Ana começa a trabalhar como voluntária, em um fórum de conciliação. O voluntariado é interrompido com a mudança (de São Paulo) para Goiânia, pois na capital goiana é exigida a graduação em Direito.

O plano de Ana, então, era seguir carreira como professora. Mas a morte da irmã mais velha, nesse período, impossibilita essa trajetória. Como deveria lecionar sobre os mesmos temas cuja irmã era referência, Ana se considera incapaz, naquele momento, de lidar com o que chama de uma “overdose emocional”.

Após o insucesso como empreendedora em um restaurante, Ana herda imóveis dos pais e os vende com facilidade. Vem daí, e da necessidade de obter um sustento para a família, a idéia de trabalhar com a corretagem imobiliária.

Apesar de se sentir realizada nesse ramo, Ana revela, ao longo da entrevista, que sua verdadeira vocação, seu desejo genuíno é trabalhar com as áreas de sua formação. Vejamos alguns trechos que comprovam essa afirmação: “Se eu pudesse ser voluntária 24 horas, nas coisas que eu faço todas. Eu tenho milhões de projetos voluntários. [...] No fundo, no fundo, eu queria ser uma voluntariada geral”.

Ao elencar as razões pelas quais o trabalho como corretora é, para Ana, fonte de prazer, acaba transparecendo sua verdadeira vocação: “[...] o relacionamento humano é o que mais me encanta. Eu adoro. Então, assim, pra mim é muito bom o relacionamento humano. É o que eu falei: eu acabo sendo terapeuta, muito do meu tempo e é o que eu mais gosto de fazer, na verdade...no fundo, no fundo o que eu gosto é...eu sou...é...como fala...voluntária por natureza. O voluntariado é o que eu mais gosto. Gostaria muito de ser milionária e viver de voluntariado. Eu amo voluntariar. Amo. Amo ajudar pessoas, amo ouvir e...eu fiz formação, eu sei ouvir, eu sei falar. Então, assim, eu amo fazer isso. Por acaso, eu preciso de dinheiro nesse meio tempo.”

4.2.2. A empresa: barreira para a realização plena

Ana, felizmente, consegue conciliar sua profissão atual com sua vocação. Existem, porém, entraves que impedem a sua realização plena na área de corretagem de imóveis. Conforme verificamos no trecho a seguir, o seu trabalho não é medido pelo nível de interação que conseguiu estabelecer com o cliente ou com a ajuda que foi capaz de proporcionar, mas sim pelo número de vendas realizadas: “[...] para a empresa não importa. Ela é uma empresa de venda de imóveis, o importante é o resultado!”

Existe, portanto, um conflito. Ana é medida unicamente pelo número de vendas concretizadas, porém sua real fonte de prazer é a possibilidade de ajudar, através do diálogo, seus clientes a levarem uma vida melhor.

Os interesses da organização vão de encontro aos de Ana também em relação ao nível de exigência. “Eu achei que eu ia ter horários livres, que eu ia ter flexibilidade, essas coisas todas e [...] eu descobri que não é bem assim que funciona”.

Ao longo de toda a entrevista, assim como Lara, Ana aponta a carga horária extenuante como um fator marcante, conforme observamos no trecho a seguir: “Resumindo, eu trabalho todos os dias. Raramente eu tenho um dia (livre) na semana. Isso, eu tenho quatro anos nessa profissão, pra ser bem sincera, eu acredito que só nesse último ano eu tenha tomado o cuidado de tentar pelo menos um dia livre na semana. E nunca é no sábado ou no domingo esse dia livre. Mas raramente ele é um dia livre mesmo. Eu acabo sempre tendo...sempre eu tenho uma outra coisa pra fazer relacionada ao meu trabalho, ou uma reunião, ou um *meeting técnico*, ou eu tenho que ir para a empresa, fazer alguma coisa. Então, assim, mesmo esse falso dia livre, eu raramente passo um dia sem ir na empresa ou me relacionar com alguma coisa de lá. Seja através de e-mail, seja através de telefone. Então, assim...muito raro eu ter um dia livre. Normalmente, eu trabalho todos os dias mesmo, né?”.

4.2.3. A (justificativa da) falta de opções

Lara via a medicina como seu inexorável destino. Ana, de forma análoga, enxerga a corretagem como o único caminho possível. A justificativa é sua idade avançada e o fato de não possuir um capital inicial.

De fato, é curioso notar que ambas as entrevistadas deixam bem claro que não têm outra opção. Sabemos, entretanto, que outro caminho sempre é possível. Conforme destaca Chauí (2013, p. 36): “[...] não servir é sempre possível e sempre vitorioso quando tentado”.

4.2.4. A ilusão da liberdade

Apesar de revelar que está na profissão atual devido à falta de opções, Ana, contraditoriamente, é enfática ao afirmar que tem “completa liberdade”. Ela subverte o conceito de liberdade, considerando-se livre, pois teria a possibilidade de sair da empresa no momento que desejar: “Eu tenho completa liberdade, porque eu não sou assalariada e eu não tenho carteira assinada. Eu sou profissional liberal, eu posso ir e vir em qualquer empresa, na hora que eu quiser [...] Eu estou nessa empresa porque eu quero estar nela. A partir do momento que eu não quiser mais, eu simplesmente me desligo dela. Ponto. Nada me prende a ela. [...] Sou totalmente livre”.

Ao afirmar que está na empresa porque quer estar nela, Ana, porém, não atesta sua liberdade, mas sim o seu contrário: a voluntariedade de sua servidão.

4.3. Interface Prática-Teoria

4.3.1. Costume

Consideramos que o costume é capaz de começar a explicação acerca da servidão voluntária das duas entrevistadas.

Iara deixa claro que estava ciente da cobrança exigida pela carreira médica, quando optou por essa profissão (faz apenas a ressalva de que desconhecia o nível de exigência). Inerente à aprovação em medicina existe a aceitação de uma dedicação excessiva. Ou seja, o comportamento servil é aceito como natural. Em outras palavras, o costume tornou aceitável que médicos debutantes assumam uma carga horária extenuante.

Ana também aceita com naturalidade a exigência de uma carga horária extensa. Ela justifica que, em sua família, o trabalho nunca foi visto como um problema. Ao falar do trabalho do marido, antes de ser acometido pela doença, revela: “Ele era empresário e ele vivia para a empresa. E aquilo nunca foi visto como um problema, mas sim como parte de nossa vida. Trabalhar, o trabalho nunca foi um problema. A gente nunca encarou como... é... como fala? funcionário que tem que ir lá cumprir um horário e ir embora. É o contrário: trabalho faz parte da nossa vida. Sempre fez.”. O fato de o marido viver para a empresa é aceito com naturalidade. Vemos, portanto, que para Ana a devoção integral ao trabalho tornou-se algo habitual, costumeiro. Seriam necessárias outras entrevistas para comprovar, mas é possível que o fato do marido ter sustentado a família, durante anos, através de uma devoção integral ao trabalho tenha criado em Ana, após o impedimento do marido, uma cobrança interna de dedicar-se com a mesma intensidade ao trabalho para manter a qualidade de vida da família.

Para ambas as entrevistadas, o costume justifica a servidão. No caso de Iara, o hábito de médicos em início de carreira trabalhar excessivamente e, para Ana, o costume do marido de devotar sua vida integralmente ao trabalho.

Além disso, a necessidade financeira é um ponto-comum entre as duas entrevistadas. Após eventos trágicos (a morte do pai de Iara e a doença grave do marido de Ana), ambas tornam-se responsáveis pelo sustento de suas respectivas famílias. A necessidade de prover financeiramente seus familiares funciona,

portanto, como uma prisão psíquica que as ata ao comportamento de resignação diante do trabalho.

4.3.2. O medo da liberdade

Por se tratar de um tema com forte caráter subjetivo, não seria possível julgar a ocorrência ou não desse fator como causa da servidão voluntária das entrevistadas, através de uma única entrevista de sessenta minutos.

Apesar disso, podemos analisar a maneira pela qual as entrevistadas lidam com a liberdade.

Ao longo das entrevistas fica evidente a forte influência do contexto familiar que acaba orientando as escolhas profissionais de ambas.

Segundo Espinoza (1988 apud Chaui, 2013), a servidão está diretamente relacionada à *heteronomia*. Para o autor, a causa determinante da ação é fator preponderante para definir um sujeito como livre ou escravo. O sujeito livre, portanto, é aquele que age segundo a essência de sua natureza. A servidão, por sua vez, se caracteriza pela ação voltada à utilidade de outrem (Chaui, 2013).

Ao cederem à influência familiar, as entrevistadas tornam suas atitudes menos autônomas. Portanto, segundo Espinoza, menos livres e, conseqüentemente, servis.

Um elemento comum às duas entrevistas serve como prova adicional da falta de autonomia. Ana e Lara revelam que, se tivessem muito dinheiro, não estariam em suas ocupações atuais. Coincidentemente, ambas relatam o desejo de trabalhar com voluntariado. A necessidade de sobrevivência material impõe a elas a resignação diante de suas condições de trabalho e a não-realização de seus verdadeiros desejos, agindo, portanto, de forma oposta às suas motivações internas.

É curioso notar que, apesar de encontrar-se em condição servil, Lara enxerga a liberdade como uma promessa futura e Ana, na mesma condição, considera-se completamente livre.

4.3.3. Resignação em troca de uma recompensa ulterior

A partir da entrevista de Lara, fica evidente a noção de uma recompensa ulterior. Lara aceita uma situação momentânea de sacrifícios, pois acredita que no futuro será recompensada por uma posição mais confortável: um status na profissão

que lhe permitirá a abertura de sua própria clínica. Explicita-se, portanto, a noção da resignação frente à servidão em troca de uma recompensa ulterior.

Em Ana, não encontramos indícios que justifiquem esse fator como causa da voluntariedade de sua servidão.

4.3.4. Sofrimento no trabalho

No decorrer de ambas as entrevistas são recorrentes as falas que tratam de situações geradoras de sofrimento no trabalho. Vimos que, segundo Ferreira (2009, p. 41), o sofrimento no trabalho surge do “conflito entre a necessidade de gratificação e as restrições impostas pelo ambiente” de trabalho.

Analisamos o sofrimento decorrente desse conflito para Ana, na seção “A empresa: barreira para a realização plena”. Lara também revela sofrimento proveniente desse conflito, ao longo da entrevista. Em um desses momentos, fala do sentimento oriundo da percepção das restrições impostas pela carreira médica, ao observar o estilo de vida de amigos da mesma idade que optaram por outras profissões.

Fica bastante evidente nos relatos de Ana e Lara a ocorrência de situações de sofrimento em seus respectivos trabalhos.

Resta ainda comprovar definitivamente a existência do desejo pela servidão. Ferreira (2009) e Gomide (2013) apontam diversos sintomas da servidão voluntária. Chama a atenção a congruência entre os sintomas apresentados pelos autores e os presentes nos relatos das entrevistadas: resignação exagerada; conformismo; demonstrações de adaptação, integração e eficácia; adaptação às condições desumanas; concordância de sacrificar a si mesmo.

Novamente, seria necessária a realização de novas entrevistas para afirmações categóricas, porém existem indícios de que Ana e Lara utilizam da servidão voluntária como mecanismo de defesa patológico para lidar com o sofrimento infligido a elas no ambiente de trabalho.

O principal desses indícios é a escravização a uma idéia, consequência de uma adaptação patológica típica da servidão voluntária decorrente do sofrimento no trabalho (Mendes, 2009). A escravização a uma idéia é escancarada em uma frase que se repete nos dois relatos: “não tenho/tinha outra opção”.

Podemos, portanto, apontar como causas comuns da servidão de voluntária de Ana e Lara: a influência do contexto social familiar, a necessidade financeira e a

justificativa da falta de opção. Para Lara, contribui para a manutenção do comportamento servil a crença em uma recompensa ulterior. Para Ana, a pressão organizacional por resultados aparenta funcionar como motor da servidão voluntária.

5. Conclusão

Buscamos, com esta pesquisa, elucidar as razões que levam os trabalhadores, naturalmente livres, ao desejo pela servidão. Em outras palavras, objetivávamos desvendar o enigma da servidão voluntária no trabalho.

Para isso, propusemos quatro eixos explicativos: costume, medo da liberdade, resignação em troca de uma recompensa ulterior e sofrimento no trabalho.

Ao final da pesquisa, consideramos que as causas propostas atendem parcialmente ao objetivo de explicar a servidão voluntária no trabalho. São necessárias as seguintes ressalvas: as conclusões aqui apresentadas servem para elucidar situações e não para generalizações; não foi possível analisar detalhadamente a ocorrência do medo da liberdade como fator causador da servidão; trata-se de tema subjetivo, portanto, sempre aberto a novas interpretações e explicações.

Partimos da seguinte questão de pesquisa: por que a situação de sofrimento e exploração, ao invés de resultar em uma atitude de busca pela libertação, leva a uma silenciosa resignação?

Acreditamos que a investigação acerca das causas da servidão voluntária, desenvolvida ao longo desta pesquisa, ajuda a responder essa questão. Em especial, a adoção da servidão voluntária como forma de mediação do sofrimento no trabalho, o medo da liberdade e a resignação em troca de uma recompensa ulterior contribuem para a elucidação dessa questão. Parece-nos possível inferir que a situação de exploração e sofrimento é, muitas vezes, desejada pelo próprio sujeito, ou aceita como efeito colateral inevitável, que, por essa razão, não rompe com o vínculo subjetivo que o ata à servidão.

À guisa de conclusão, resgatamos a noção marxiana de trabalho como fonte de humanização do ser humano, negando a ideia do trabalho unicamente como meio de satisfação das necessidades materiais e renovando a crença no trabalho como

[...] componente inseparável das vivências cotidianas, como processo das construções históricas e sociais, enquanto espaço dos sonhos, das aspirações e dos desejos. O trabalho como espaço de relações, que envolve o ser humano como um todo, com sua capacidade criativa, de pensar, de envolver-se, de mostrar-se, de exteriorizar-se no mundo das relações, o que o torna um ser social, em constante formação e transformação (Azambuja *et al.*, 2007, p. 73).

Conclamamos os trabalhadores e trabalhadoras à transcendência, à reflexão acerca de sua condição atual e à superação da servidão voluntária.

O(a) trabalhador(a) de hoje é chamado a uma contínua mudança, a uma contínua transcendência: sair de si, de seu trabalho. Transcendência e trabalho se pertencem intimamente, já que o ser humano é quem dá valor ao seu trabalho; portanto, será preciso inverter o dito “o trabalho enobrece o homem”, pois é o ser humano que torna o trabalho algo nobre, enquanto lugar de sua transcendência, como lugar de realização de desejos e necessidades, espaço profundamente humano e humanizador, um espaço que implica qualidade de vida no trabalho como expressão da qualidade de vida na existência do ser humano (Azambuja *et al.*, 2007, pp. 73-74).

Finalizamos com a fala de Iara que, ao narrar sua trajetória de vida, faz a reflexão necessária à execução de um possível projeto emancipatório. Palavras que apontam a esperança da saída da condição de servidão voluntária: “Mas é claro que tenho meus momentos de repensar, até daqui pra frente: o que eu quero? Reavaliar minhas prioridades na vida, ter uma família, ser mãe. O que, muitas vezes, poderia ir de encontro com a minha profissão. Hoje em dia não penso mais na medicina como um sonho que domina minha vida. Já pensei, não penso mais. Tem outras coisas que me trariam uma satisfação tão grande quanto a profissão. E eu tenho tentado, daqui pra frente, melhorar”.

Referências Bibliográficas

- Azambuja, E., Fernandes, G., Kerber, N., Silveira, R. da, Silva, A. da, Gonçalves, L., & Cartana, M. (2007) *Significados do trabalho no processo de viver de trabalhadoras de um Programa de Saúde da Família*. *Texto Contexto Enfermagem*16(1), 71-79.
- Barros, C., Barros, V., Nogueira, M., & Silva, A. (2007) “*Conte-me sua história*”: reflexões sobre o método de *História de Vida*. *Mosaico: estudos em psicologia*1(1), 25-35.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida* (Tradução de Plínio Dentzien). Rio de Janeiro: Zahar.
- Chauí, M. (2013). *Contra a servidão voluntária* (H. Santiago, Org.). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

- Clastres, P. (2004). *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política* (Tradução de Paulo Neves). São Paulo: Editora Cosac & Naify.
- Ferreira, J. (2009). *Perdi um jeito de sorrir que eu tinha: violência, assédio moral e servidão voluntária no trabalho*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Fromm, E. (1977). *O Medo à Liberdade* (10ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Gomide, A. (2013). *Notas sobre suicídio no trabalho à luz da teoria crítica da sociedade*. *Psicol. cienc. prof.*, 33(2), 380-395.
- La Boétie, E. (2004). *Discurso da Servidão Voluntária*. LCC Publicações Eletrônicas. Recuperado de <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/boetie.pdf>
- Maranhão, C, & Paula, A. (2009). *Opressão e resistência nos estudos organizacionais críticos: considerações acerca do discurso da servidão voluntária e da pedagogia do oprimido*. *Organ. Soc.*, 16(50), 463-477.
- Marx, K. (2004). *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Marx, K., & Engels, F. (2007) *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Mendes, A.. *Prefácio*. In: Ferreira, J. (2009). *Perdi um jeito de sorrir que eu tinha: violência, assédio moral e servidão voluntária no trabalho*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Newman, S. (2011) *A servidão voluntária revisitada: a política radical e o problema da auto-dominação*. *Verve*, 20, 23-48.
- Paes de Paula, A. (2008). *Teoria Crítica nas Organizações*. São Paulo: Thomson Learning;
- Paulilo, M. (1999) *A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida*. *Serviço Social em Revista*, 1(1), 135-148.
- Santiago, H. *Apresentação*. In: Chauí, M. (2013). *Contra a servidão voluntária* (H. Santiago, Org.). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.